





MUSA PSICOLOGIA
Série Ferramentas para Reflexão
Volume 1



Carla Regino • Fernanda Menin • Helena Brito • João Paiva •
Lílian Loureiro • Luiz André Martins • Mariana Leite Hernandez
• Noely Montes Moraes (org.) • Priscila Parro • Thiago Pimenta

É possível AMAR DUAS PESSOAS ao mesmo tempo?

Uma abordagem junguiana das questões
amorosas pelo grupo Seja, PUC-SP

1ª edição
(1ª reimpressão)

MUSA
EDITORA

© Copyright Noely Montes Moraes et al., 2005

CAPA E PROJETO GRÁFICO | Raquel Matsushita
DIAGRAMAÇÃO | Set-up Time Artes Gráficas
REVISÃO | Maria Luiza Favret
ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA | Vinícius de Melo Justo
IMPRESSÃO E ACABAMENTO | Gráfica Editora Parma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?. — São Paulo : Musa Editora, 2005.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 85-85653-BBB

1. Amor - Aspectos psicológicos 2. Homem-mulher - Relacionamento
3. Psicologia junguiana 4. Relações interpessoais 5. Traição.

05-4144

CDD-152.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor : Psicologia 152.41

1ª edição (1ª reimpressão, 2010 de acordo com a Nova Ortografia)

Todos os direitos reservados.

The logo for Musa Editora features the word "MUSA" in a large, stylized, handwritten-style font. Below it, the word "EDITORA" is written in a smaller, clean, sans-serif font, underlined.

MUSA EDITORA
Rua Bartira, 62/21
05009 000 São Paulo SP
Tel/fax (5511) 3862 6435 / 9354-3700
www.musaeditora.com.br
www.musaambulante.com.br
www.anacandidacosta.blogspot.com
www.twitter.com/MusaEditora

SUMÁRIO

Prefácio 7

Introdução 9

CAPÍTULO I | O amor na contemporaneidade 13

- 1 **Masculino, Logos, Yang e Feminino, Eros, Yin 14**
- 2 **A polarização Masculino/Feminino no patriarcado 19**
- 3 **A crise do patriarcado e a necessidade do resgate do Feminino 26**
- 4 **Ética e individuação 28**
- 5 **Implicações deste momento para a vivência amorosa 34**

CAPÍTULO II | O significado do amor na vivência pessoal da mulher e do homem 41

- 1 **De filha de Eva a sacerdotisa de Afrodite 72**
- 2 **O caminho do homem em busca da *anima* e a possibilidade de construção de sua vida amorosa 46**
- 3 **O encontro do homem com a mulher e do indivíduo consigo mesmo 51**

CAPÍTULO III | Amor: expectativas e desilusão 55

- 1 **Encaixotando Helena 56**
 - A busca do Outro mágico 56
 - Projeção 58
 - Opostos 61
 - Identidade apoiada na capacidade de ter um parceiro 61
 - Sacrifícios x relacionamento: qual o limite? 62
- 2 **O casamento promete mais do que cumpre 65**
 - O peso das expectativas sociais 65
- 3 **O parceiro não é Prozac 67**
 - O amor só vive na liberdade 67
 - Respeitar os ciclos, ritmos, identidade do outro 70

CAPÍTULO IV | **Traição 73**

- 1 **A queda como traição 77**
Traição nos relacionamentos 77

CAPÍTULO V | **As deusas e o amor: os mitos e o desenvolvimento da consciência 83**

- 1 **Ártemis 90**
- 2 **Atalanta 95**
- 3 **Perséfone 97**
- 4 **Afrodite 98**
- 5 **Deméter 99**
- 6 **Hera 101**

CAPÍTULO VI | **É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo 107**

- 1 **Palavras finais: o sentido do Amor na vida humana 113**

Glossário 115

Referências bibliográficas 119

Autoria 121

Sobre os autores 123

PREFÁCIO

Quando a Noely me convidou a fazer o prefácio deste livro, senti-me honrada e feliz com o pedido.

Tenho acompanhado, nestes últimos anos, o interesse dela pela relação amorosa. Presenciei a montagem de uma modalidade do aprimoramento da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, oferecida por ela a psicólogos, na maioria deles recém formados pela PUC-SP. Acompanhei seu entusiasmo junto a esse grupo brilhante de jovens que preencheram as vagas oferecidas e já tinham sido seus alunos em psicologia analítica no ano anterior.

Muitas vezes ouvi seus comentários sobre o quanto a turma era excelente, e não me causou surpresa que tanto entusiasmo, por parte dela e de seus aprimorandos, se transformasse em um livro.

Muito já se escreveu sobre o amor, que tem sido cantado em verso e prosa por poetas, filósofos, romancistas, mitólogos e que é encontrado em todas as manifestações artísticas da humanidade.

A leitura do livro prendeu minha atenção pelo assunto (tenho estudado e escrito sobre o amor em sentido mais amplo e sobre o amor na relação terapêutica) e pela maneira inovadora e elegante de os autores abordarem o tema da relação amorosa, assunto tão antigo e tão atual.

Através da ótica da psicologia analítica, o grupo sugere que o amor pode servir como instrumento de transformação, por meio do desenvolvimento da consciência.

Segundo os autores, o relacionamento amoroso é um potencializador do crescimento e da criatividade, colabora para a aceitação dos próprios erros (incorporando aspectos sombrios do ser), permitindo que, com a aceitação da sombra do outro, se possa amá-lo como a si mesmo. O livro também trata do

desenvolvimento da humanidade e como a relação amorosa evoluiu ao longo dos tempos, passando pela fase inicial, regida pela Deusa, seguida da Fase Mitológica, indo para a Fase Patriarcal, até buscar atingir, na atualidade, a Fase da Alteridade, na qual Feminino e Masculino buscam se integrar de forma harmoniosa e inteira.

O relacionamento amoroso é a concretização da união dos princípios universais: Feminino e Masculino.

A alteridade para a qual caminhamos exige o equilíbrio entre esses dois princípios, que são diferentes, porém complementares.

No final, o livro propõe que o amor-paixão, que é intuído por todos, apesar de nem todos serem chamados a vivê-lo, tem uma função cósmico-orgânica, que os amantes são chamados a encarnar a união divina do Masculino e do Feminino e que nesse amor se constela o próprio arquétipo da *coniunction*.

Este é um livro escrito para todos os que desejam buscar a compreensão do fenômeno do amor na relação homem-mulher em suas múltiplas facetas. Ajuda a esclarecer muitos mal-entendidos e confusões que se fazem pela má compreensão do significado particular que o amor assume em nossas vidas.

Trata-se de um material muito valioso, tanto para leigos como para terapeutas e todos aqueles que constantemente buscam respostas a respeito do tema.

São Paulo, 13 de junho de 2005

Marina Rojas Bocalandro

Doutora em Psicologia Clínica, PUC-SP
Diretora da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic

INTRODUÇÃO¹

O questionamento contido no título deste livro só pode ser feito arriscando-se ferir concepções arraigadas tomadas como verdades inquestionáveis que, no entanto, só se sustentam apoiadas no desconhecimento do funcionamento psicológico e das dimensões mais profundas da experiência humana.

Refletir sobre as questões envolvidas nos relacionamentos amorosos lançando luz a aspectos pouco considerados pelo senso comum é o propósito deste livro.

Não queremos levantar bandeiras e muito menos oferecer soluções ou impor pontos de vista. Acreditamos na liberdade de ação, pensamento e escolha e, por isso mesmo, concordamos que nenhuma verdade é absoluta.

Mas a liberdade só pode ser exercida por quem dispõe de várias interpretações sobre os fatos da vida e tem maturidade suficiente para suportar os inevitáveis conflitos que acompanham a disposição intelectual de abertura a pontos de vista diversos.

O que apresentamos nestas páginas pode vir de encontro a crenças muito queridas, porque apaziguadoras, de concepções religiosas e ideológicas. Por isso, sua leitura é desaconselhável a quem estiver satisfeito com o sistema de crenças adotado e a quem não quiser colocar em questão a maneira como tem conduzido sua vida afetiva. Para os demais, oferecemos conteúdos teóricos baseados na psicologia analítica, além de dados e observações extraídos de pesquisas e estudos sobre o tema das relações amorosas.

¹ Por Noely Montes Moraes.

O sofrimento amoroso é uma queixa frequente nas conversas e nos consultórios psicológicos. Alimenta as tramas de novelas, filmes e a arte em geral. Se os dilemas amorosos sempre acompanharam a humanidade, é na contemporaneidade que atingem proporções ainda maiores.

Com as transformações nas relações de gênero, o casamento, a sexualidade, a família, o namoro se tornaram palco privilegiado de conflitos, frustrações e, paradoxalmente, de altas expectativas de satisfação.

As dúvidas e angústias sobre o amor são abundantes, como se pode notar nas revistas, nos jornais e nos sites da Internet. Algumas políticas de saúde, como a prevenção da Aids e da gravidez precoce, esbarram em dificuldades relacionadas às questões de gênero, como a não exigência do uso de preservativo pelo parceiro porque a mulher teme perdê-lo.

O livro aborda o contexto histórico do patriarcado como moldura do desenvolvimento da consciência humana tal como a herdamos e suas implicações para a visão do amor na sociedade ocidental. Procura entender o sentido das transformações que estamos presenciando e como elas afetam as relações amorosas e a ética que as sustenta.

Em seguida, mostramos o papel do amor como motivador de vivências profundas e transformadoras no homem e na mulher.

Com esses elementos como base de nossa reflexão, entramos no espinhoso tema da fidelidade e da traição, buscando abordá-lo de maneira criativa, tentando perceber suas implicações para a vida dos envolvidos e qual o sentido construtivo de tão dolorosas vivências.

Na busca de uma compreensão mais abrangente dos padrões presentes nas imagens amorosas e nas motivações mais profundas e cosmogênicas da experiência amorosa, apresentamos um estudo sobre mitos e deuses gregos, permitindo a compreensão das raízes arquetípicas do comportamento humano em termos de amor.

Por fim, gostaríamos de nos apresentar: somos um grupo de psicólogos junguianos formados pela PUC-SP que cursaram o

aprimoramento Abordagem Junguiana das Questões Amorosas, oferecido pela Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, sob supervisão da professora doutora Noely Montes Moraes, professora titular em Relações de Gênero.

Nesse aprimoramento, tivemos a oportunidade de atender pacientes que procuraram a clínica com queixas amorosas. Atendendo a um convite do coordenador do site Vya Estelar, mantemos uma coluna quinzenal sobre amor. Por ocasião da publicação quinzenal do primeiro artigo, intitulado “É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?”, recebemos um e-mail de Ana Cândida Costa, da Musa Editora, convidando-nos a transformar o artigo em livro.

Cheios de entusiasmo, aceitamos o desafio e, agradecendo a confiança e a oportunidade especial oferecida por Ana Cândida, temos a ousadia de trazer ao leitor este livro, fruto de incontáveis reuniões, discussões, reflexões, leituras e muita diversão que nossos encontros nos proporcionaram.



CAPÍTULO I

O amor na contemporaneidade



1 MASCULINO, LOGOS, YANG E FEMININO, EROS, YIN^{1, 2}

Para uma melhor compreensão dos relacionamentos amorosos, necessitamos diferenciar algumas noções relativas ao binômio Masculino/Feminino.

Na tentativa de apresentar uma explicação para essas polaridades, Jung, citado por Whitmont (2002), lança mão do conceito de Logo-Eros. Em suas palavras:

“O conceito de Eros poderia expressar em termos modernos como relacionamento psíquico, e o de Logos, como interesse objetivo (...) Mas não desejo nem pretendo dar a esses dois conceitos intuitivos uma definição demasiado específica. Estou utilizando Eros e Logos apenas como apoios conceituais para descrever o fato de que o consciente da mulher é mais caracterizado pela qualidade conectiva de Eros do que pela discriminação e cognição associados a Logos, aspecto que se apresenta mais caracterizado na consciência do homem.” (p. 153)

Whitmont (2002) sugere que o binômio Masculino e Feminino pode ser abordado com mais consistência em termos dos antigos conceitos chineses de Yin e Yang.

Yin e Yang incluem “masculinidade” e “feminilidade” como princípios gerais ou imagens simbólicas, de modo que não devemos confundir-los com masculinidade ou feminilidade como características diretas de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino. De acordo com esse mesmo autor:

“No mundo das manifestações concretas, tudo toma parte nas várias porções de Yang e Yin, inclusive homens e mulheres. Esses princípios básicos são representações puramente

1 Por Luiz André Martins.

2 Este capítulo foi baseado em WHITMONT, E. *A busca do símbolo - conceitos básicos de psicologia analítica*. São Paulo: Cultrix, 2002. Particularmente, o capítulo 11, “O Masculino e o Feminino”.

simbólicas das energias que incluem aquilo que comumente chamamos masculinidade e feminilidade.” (p.153)

O princípio Yang é representado como elemento criativo e gerador, apresentando-se, também, como a energia iniciadora; ele simboliza a energia em seus aspectos de força, impulsividade, agressividade e rebeldia. Como principais características apresenta o calor, a luz (sol); é divisor e fálico, como a espada ou o poder de penetração, muitas vezes apresentado na faceta destruidora; apresenta um movimento do centro para fora, manifestando-se em aspectos disciplinares e de superação e, portanto, individualização. “Desponta, luta, cria e destrói, é positivo e entusiasmado, mas também restritivo e ascético – outra tendência superativa” (Whitmont, 2002, p. 154).

Já o princípio Yin é representado por uma receptividade, sendo dócil, retraído, frio, úmido, escuro, concreto, envolvente, continente (caverna e cavidade), doador de forma e gerador, de fora para o centro. Não é espírito, mas natureza, o mundo da formação. Whitmont (2002) o descreve da seguinte forma:

“O ventre escuro da natureza que dá à luz os impulsos, os anseios, instintos e a sexualidade; ele é visto no simbolismo da Terra e da Lua, da escuridão e do espaço; negativo, indiferenciado e coletivo.”(p. 154)

Nessa breve descrição, podemos perceber a utilização dos termos negativo e positivo e, neste sentido, faz-se necessário um esclarecimento. Os termos positivo e negativo estão comumente vinculados à questão de hierarquização e valoração moral, conferindo atributos a um deles em detrimento do outro. No contexto em que os utilizamos aqui, eles aparecem com outra conotação: positivo estaria falando de uma energia emanadora, assertiva e iniciadora; negativo, por sua vez, estaria se referindo a uma energia de caráter receptivo e/ou passivo. Vale lembrar, ainda, que a tentativa, aqui, é a de construir um retrato das diferentes representações e manifestações simbólicas. Desse modo, procuramos encontrar, de acordo com Jung, citado por

Whitmont (2002), “a melhor descrição ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido; fato, entretanto, que é reconhecido ou postulado como existente” (p. 154).

Estamos, de modo comparativo, mais familiarizados com expressões dos princípios Yang de ordem, compreensão, iniciativa, superação e consciência que diferenciam nossa experiência consciente da vida. O Yang oferece a caracterização manifesta para a orientação consciente do homem e para os traços inconscientes da mulher – ou, em termos junguianos, do *Animus*. Como observa Whitmont (2002):

“O Yin é mais enigmático para nós do que o Yang; ele opera na orientação feminina (frequentemente distorcida) e na *Anima* do homem. Também nos escritos de Jung, o princípio Yin não está claramente distinto do aspecto de Eros e do relacionamento.” (p. 154)

Assim, aproveitamos o momento para uma caracterização mais pormenorizada dessa correlação Yin-Eros-relacionamentos. Yin é o *locus* onde se concebe e se dá vida à alma. Através de sua energia positiva, tudo que ali cai é carregado energeticamente, passa por um processo de amadurecimento e, posteriormente, é expelido, sempre de forma indiscriminada. Tal qual a imagem de um vulcão irracional produz vida, carrega-a, mas o faz de forma fria e indiferente. Nesse sentido, assemelha-se à natureza externa, que, sem a intervenção do homem, cria e destrói incessantemente, num processo de contínua transformação, de vida seguida de morte e novamente vida, amadurecendo e apodrecendo sem a intervenção ativa da mente consciente, prosseguindo de modo desordenado, criando incessante e inconscientemente.

O Feminino, por suas próprias vicissitudes, apresenta-se como aquilo que, mais do que primitivo (que traz consigo certo grau de consciência), é o não-humano, o não espiritual. E, apesar desse aspecto, é também fonte de experiência humana, produzindo uma sabedoria que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, do individual, sempre se relacionando com o aspecto perpétuo da vida psíquica. Assim, o Feminino contém e destrói, estabelecendo um processo dinâmico e

paradoxal de estabilidade e descontrole que traz como resultado a própria existência psíquica.

De modo inconsciente, toda mulher é movida pelo princípio Feminino. Paralelamente à sua vida consciente estabelece-se a energia Yin, levando à percepção de uma necessidade de crescimento e maturação da vida que exige seus direitos, quer queira quer não.

E é justamente nesse fluxo e refluxo de energia indiscriminada, que clama pela vida, que se baseia algo que torna as mulheres um mistério tanto para si como para os outros. O Yin, presente na forma de energia psíquica, exige o inexplicável e o incognoscível, empurrando-as para o próximo passo na parte desconhecida da vida, trazendo aquilo que é inconsciente à consciência e, em cada nova situação, traz consigo o germe do novo.

A esfera da experiência Yang, por sua vez, abrange o mundo do discernimento, do espírito e da ordem, mas também da abstração. Essa experiência encontra representação nas imagens simbólicas de figuras masculinas: pai, sábio, herói ou companheiro. Essas diferentes imagens derivam das experiências daquilo que se convencionou chamar “espírito impulsionador”, que se constela na experiência individual de cada ser. Tais imagens, contudo, não são necessariamente humanas: também podem utilizar representações ligadas a um simbolismo vegetal ou animal. Encontramos na mitologia grega um bom exemplo disso: Zeus, o grande pai, a representação máxima do princípio norteador e organizador do princípio masculino, apresentou-se em inúmeras representações diferentes, como águia, cisne, carvalho e chuva de ouro. Do mesmo modo, pode-se tecer o mesmo comentário no que concerne à imagética do princípio de Yin: abrange o mundo da natureza, da vida, da matéria, das emoções e dos impulsos; representa o psíquico, o instintivo e o concreto.

Podemos discernir tanto uma polaridade interior e dinâmica como uma polaridade estática tanto em Yin como em Yang. A esfera Yang apresenta, como um de seus aspectos dinâmicos, um impulso para a ação, um impulso agressivo (e cabe aqui dizer, não necessariamente violento), fálico, instigador, combativo, desafiador, que luta por rea-

lização; é vontade e autoafirmação. Tais características são encontradas, numa esfera mitológica, em Marte, o deus da guerra, aquele que personifica a agressividade, de modo que podemos nos referir ao aspecto Yang como polo marciano. Já no que se diz respeito ao seu polo estático, Yang manifesta-se como reflexão, consciência, discernimento, entendimento criativo, discriminação, cognição, significado, razão, disciplina, lei, ordem, abstração e objetividade não-pessoal. Podemos nos referir a esses aspectos pertencentes ao polo estático de Yang como Logos – de fato, Jung o fez. Algo une tanto o polo Marte como o polo Logos: ambos expressam a luta pela afirmação individual.

Na esfera Yin, o polo estático apresenta-se conforme descrito por Fierz-David (1965), citado por Whitmont (2002), como “inerte, indiferente, frio e cego” (p. 155); o ventre materno da alma e da vida natural que cria e destrói incessante e indiscriminadamente, avesso à consciência e disciplina. É receptividade e doação, mas também apoio e contenção; é vivência emocional e “infindável fluxo sonhador do mundo das imagens, da fantasia, da intuição” (Whitmont, 2002, p. 156). É impessoal, não individual e, nesse sentido, coletivo. A constelação dessas características também apresenta representação imagética no mundo mitológico: por um lado, características como a doação de vida e o devoramento podem ser atribuídas às Grandes Mães, tal qual a terrível Káli; também surge na representação da Deusa Natura (Phisys).

No que concerne ao polo emanador e ativo, Yin corresponde àquilo que Jung aludiu como princípio de Eros. Desse modo, Eros – e, por extensão, as características do polo dinâmico de Yin – refere-se à função de relacionamento. Trata-se de um anseio de união, de unificar, de envolver-se com pessoas concretas e não com ideias ou coisas, mas envolver-se pela união pessoal, subjetiva e emocional, e não por algum significado ou consciência de si mesmo ou do parceiro. Assim, esse referido anseio de envolvimento, de unidade e de afinidade não deve ser confundido com aquilo que se convencionou chamar encontro EU-TU consciente. O aspecto Eros do Yin não se dá no campo do entendimento – e, portanto, não envolve uma ope-

ração consciente –, mas apenas de contato e fusão, sendo, ainda, indiferente ao entendimento. Como registro imagético dessa situação temos Afrodite: “A (...) a Moira mais velha que governa os sussurros das donzelas, o riso e as brincadeiras, a doce luxúria, o amor e a afabilidade amorosa” (Kéreny, citado por Whitmont, 1997, p. 157). Essa deusa e, de modo associado, o princípio Feminino conduzem ao envolvimento emocional, tornando-se crucial a qualquer relacionamento humano.

Mas as verdadeiras relações humanas precedem de muito mais que apenas o aspecto erótico-sensual; requerem distância confrontadora, como também proximidade conectiva, desafio agressivo e inação paciente, espera, cuidado e tolerância.

2 A POLARIZAÇÃO MASCULINO/FEMININO NO PATRIARCADO³

POEMA PARA JULIANO, O APÓSTATA

“No tempo dos deuses tudo
era simples como eles
e natural e humano
e eles reinavam o mundo.

Mas veio um deus usurpador e único
e tornou o mundo incompreensível
porque o seu reino não era deste mundo.
E até hoje ninguém soube por que então ele expulsou
os outros deuses
e ficou reinando sozinho
e fez todos os homens pecarem

³ Por Carla Regino e Fernanda Menin.